

# SEMANA RELIGIOSA

## BRACARENSE

LITTERARIA E NOTICIOSA

*Sexta feira 25 de Outubro de 1878*

**IV VOL. N.º 179.**



**BRAGA :**

TYPOGRAPHIA LUSITANA

*Rua Nova n.º 4*

1878

Tendo em consideração que o jornal intitulado *A Semana Religiosa Bracarense* é principalmente destinado a interessar o clero d'este Arcebispado no movimento ecclesiastico, que nelle possa haver; e que por meio do mesmo jornal as Nossas Pastoraes, Provisões d'interesse geral e quaesquer outras medidas governativas, que Nos seja necessario tomar, podem chegar mais facilmente ao conhecimento tanto do clero como dos fieis, o que muito convém á disciplina ecclesiastica d'esta vastissima Archidiocese Primacial; Havemos por bem ordenar que os documentos publicados no mesmo jornal, e que forem por Nós assignados, sejam reputados como verdadeiros e authenticos, para todos os seus effeitos.

Residencia no Seminario de S. Pedro, 22 de Maio de 1875.

**João, Arcebispo Primaz.**

# A SEMANA RELIGIOSA BRACARENSE.

CARTA

DO

NOSSO SS. PADRE LEÃO XIII

AO EM.<sup>mo</sup> CARDEAL NINA

Secretario de Estado

*Senhor Cardeal.*

Por uma grave desventura foi ferido e cheio de vivo pesar o Nosso animo com a inopinada morte do Cardeal Alexandre Franchi, Nosso Secretario de Estado. Chamado a tão alto cargo pela confiança que nos tinham inspirado os seus dotes pouco communs d'intelligencia e coração, e os longos serviços por elle prestados á Egreja, soube no breve espaço de tempo que o tivemos ao nosso lado corresponder tão plenamente á Nossa expectação, que a sua memoria não se apagará jamais da Nossa mente, e entre os vindouros, como entre os presentes, ficará caro e abençoado o seu nome.

Mas já que aprouve ao Senhor sujeitar-nos a esta prova, Nós, adorando com animo submisso os designios de Deus, volvemos logo todos os Nossos cuidados para a eleição do seu successor, e fixamos os Nossos olhos sobre Vós, Senhor Cardeal, de quem nos era bem conhecida a grande pericia no trato dos negocios, a firmeza dos propósitos, e o espirito de generoso sacrificio, de que é animado em pró da Egreja.

Parece todavia opportuno ao começar o exercicio do novo cargo dirigir-lhe a presente carta para lhe abrir a Nossa Mente sobre alguns relevantissimos pontos, a que devem dirigir-se d'um modo particular os seus incessantes cuidados.

Logo nos primeiros dias do Nosso Pontificado, do alto da Séde Apostolica volvemos Nossas vistas sobre a presente sociedade, para conhecermos as suas condições, para indagarmos as suas necessidades, e indicarmos os remedios. E desde logo, na Carta Encyclica dirigida a todos os Veneraveis Irmãos do Episcopado, deploramos o declinar das verdades, não só sobrenaturaes conhecidas pela fé, mas tambem naturaes ou especulativas ou praticas, o prevalecer de erros funestissimos e o gravissimo perigo que corre a sociedade pelas desordens sempre crescentes com que é revolvida. Dissemos que a causa principal de tanta ruina era a proclamada separação e a tentada apostasia da sociedade actual de Christo e da Sua Egreja, na qual sómente está a virtude que baste a restaurar-a dos gravissimos damnos. A' fulgurante luz dos factos mostramos então que a Egreja fundada por Christo para renovar o mundo, desde o seu apparecimento no meio d'elle, começou a fazer-lhe sentir grande conforto com a sua sobrehumana virtude, e que nas epochas mais tene-

brosas e funestas foi o unico pharol que indicava o caminho seguro, o unico refugio que promettia tranquillidade e salvação. D'isto era facil inferir que, se nos tempos que foram, a Igreja pôde derramar sobre a terra beneficios tão assignalados, o pôde sem duvida ainda hoje: que a Igreja, como tem por fé todo o catholico, sempre animada pelo espirito de Jesus Christo, que lhe prometteu a sua infallivel assistencia, foi constituida mestra da verdade e guarda d'uma lei santa e immaculada, e como tal, possui ainda hoje toda a força necessaria para oppôr-se á corrupção intellectual e moral: de que está enferma a sociedade, e chama-la á saúde. E já que inimigos astuciosissimos, para a fazer olhar mal e ser inimistada pelo mundo, vão espalhando graves calumnias contra ella, Nós nos occupamos desde o principio a dissipar os prejuizos e desfazer as accusações, certos de que os povos, conhecida a Igreja, tal qual realmente é, e a sua benigna natureza, de toda a parte presurosos correriam ao seu seio.

Guiados por taes pensamentos quizemos fazer ouvir tambem a Nossa voz áquelles que tem nas mãos a sorte das nações, convidando-os calorosamente a não recusarem, n'estes tempos em que tanto aperta a necessidade, o validissimo apoio que lhes offerece a Igreja. E impellidos pela Apostolica caridade, Nos dirigimos tambem áquelles que não estão unidos a Nós pelo vinculo da religião catholica, desejosos de que tambem os seus subditos experimentem os beneficios influxos d'esta divina instituição.

Bem sabeis, Senhor Cardeal, que para secundar estes impulsos do Nosso Coração dirigimos a palavra até ao poderoso Imperador da illustre nação allemã, que pelas difficeis condições em que se achavam os catholicos, reclamava d'um modo particular a Nossa sollicitude. Esta palavra, unicamente inspirada no desejo ardente de ver restituida a paz religiosa á Allemanha, foi favoravelmente escutada pelo Augusto Imperador e sortiu o bom effeito de conduzir a amigaveis negociações: nas quaes não foi parecer Nosso chegar a uma simples tregua que deixaria aberto o caminho a novos conflictos, mas alcançar, removidos os obstaculos, uma paz verdadeira, solida e duradoura. A importancia d'este fim justamente comprehendida pelo alto senso d'aquelles que tem nas suas mãos os destinos d'aquelle imperio, os conduzirá, como confiamos, a dar-nos mão amiga para conseguil-o. Certamente a Igreja se regozijaria vendo n'aquella nobre nação restabelecida a paz; mas não menos se regozijaria o imperio, que, pacificadas as consciencias, encontraria, como ouir'ora, nos filhos da Igreja Catholica seus subditos mais fieis e generosos.

Nem tão pouco podiam escapar á Nossa paternal vigilancia os paizes do Oriente, nos quaes os gravissimos acontecimentos que se vão desenrolando, preparam talvez um melhor futuro aos interesses da Religião. Nada se ommittirá da parte da Santa Sé para favorecel-os; e nos sorri a esperanza de que tornem finalmente a gozar d'uma vida fecunda e a brilhar com o antigo esplendor.

Estes breves traços vos revelam bem, Senhor Cardeal, o Nosso designio de levar largamente a acção da Igreja e do Papado ao meio de todos os acontecimentos da hodierna sociedade: é necessario que tam-

bem Vós empregueis todas as vossas luzes e actividade a levar a effeito este designio que Deus nos poz no coração.

Além d'isto deveréis applicar a vossa mais seria attenção a um outro ponto de altissima importancia, isto é, á difficilima condição em que foi collocado o Chefe da Igreja na Italia e em Roma, depois que foi despojado do dominio temporal, que a Providencia desde tantos seculos lhe havia concedido para tutelar a liberdade do seu poder espirital. Não queremos deter-nos aqui a reflectir que a violação dos mais sacrosantos direitos da Sé Apostolica e do Pontifice Romano é fatal tambem ao bem-estar e á tranquillidade dos povos, nos quaes, ao verem os mais antigos e sagrados direitos impunemente violados na propria pessoa do Vigario de Christo, fica profundamente abalada a idea do dever e da justiça, perdem o respeito ás leis, e chega a derribar as proprias bases da sociedade civil.—Nem tão pouco queremos demorar-vos a considerar, que os catholicos dos diversos Estados não poderão jamais estar tranquillos, enquanto o seu Supremo Pontifice, o Mestre da sua fé, o Moderador das suas consciencias, não for cercado de verdadeira liberdade e de real independencia.—Não podemos porém dispensar-Nos de observar, que enquanto o Nosso poder espirital, por sua origem divina e sobrehumano destino, e para exercitar sua benefica influencia a favor da sociedade humana, é necessario que goze de plenissima liberdade; nas condições presentes, pelo contrario acha-se tão embaraçado, que se Nos torna difficilimo o governo da Igreja universal.

A coisa é notoria e confirmada por factos quotidianos. As solemnes queixas feitas pelo Nosso Antecessor Pio IX, de feliz memoria, na memoranda Allocução concistorial de 12 de Março de 1877, pôdem com egual razão ser repetidas tambem por Nós, accrescentando-lhes ainda outras não menos, pelos novos obstaculos postos ao exercicio do Nosso supremo poder. Com effeito não só devemos lamentar, como o Nosso Illustrado Antecessor, a supressão dos Religiosos, que tira ao Pontifice um valido auxiliar nas Congregações em que se tratam os mais relevantes negocios da Igreja; mas tambem devemos condoer-nos de que se arranquem ao culto divino os ministros com a lei sobre o recrutamento militar, a qual obriga todos indistinctamente ao serviço das armas; que se subtraíam a nós e ao clero as instituições de caridade e beneficencia erigidas em Roma ou pelos Pontifices Romanos, ou pelas nações catholicas, que as puzeram sob a vigilancia da Igreja; além d'isso com immensa amargura do Nosso coração de Pai e Pastor, somos constrangidos a vêr sob os Nossos olhos os progressos da heresia n'esta mesma cidade de Roma, centro da Religião catholica, onde impunemente se levantam templos e escolas heterodoxas em grande numero, e a presenciar a perversão que se procura especialmente de tão grande parte da juventude á qual se propina uma instrucção de descrença; e como se tudo isto fosse pouco, tenta-se tornar vãos os proprios actos da Nossa espirital jurisdicção.

Vós bem sabeis, Senhor Cardeal, como depois da occupação de Roma, a fim de tranquilizar d'algun modo as consciencias dos catholicos, altamente preoccupados com a sorte do seu Chefe, em publicas e solemnes declarações se protestou querer deixar-se em plena liberdade o

Pontífice na nomeação dos Bispos para as diversas Sédes da Italia. Mas depois, sob o pretexto de que os actos da sua instituição canonica não eram apresentados ao beneplacito governativo, não só foram negados aos novos eleitos as rendas das suas proprias mitras, occasionando assim um gravissimo dispendio á Séde Apostolica, obrigada a prover á sua sustentação; mas com gravissimo damno das almas confiadas aos seus cuidados, tão pouco se quizeram reconhecer os actos de jurisdicção episcopal d'elles emanados, taes como a nomeação para as parochias e outros beneficios ecclesiasticos. E quando, para obviar a estes gravissimos males, foi pela Santa Sé tolerado que os Bispos da Italia, novamente eleitos, apresentassem as Bullas de nomeação e instituição feita segundo os canones, nem por isso se tornou mais toleravel a condição da Igreja; pois que a muitos Bispos, não obstante a apresentação exigida, por futeis motivos se continuou a negar os rendimentos e a desconhecer a jurisdicção. E aquelles mesmos que puderam conseguir o intento, viram as suas supplicas remettidas d'uma para outra secretaria e sujeitas a longuissimas demoras: e homens respeitaveis, distinctos por virtude e doutrina, julgados dignos pelo Pontífice de occuparem os primeiros graus da hierarchia ecclesiastica, tem sido obrigados a soffrer a humilhação de ver-se sujeitos a secretas e minuciosissimas inquirições, a modo de gente suspeita e vulgar. O mesmo Veneravel Irmão por Nós destinado a administrar em Nosso nome a Igreja de Perugia, apesar de já collocado no governo de outra diocese, e n'essa legalmente reconhecido, desde muito tempo espera ainda em vão uma resposta. Assim, com infeliz astucia se tirá á Igreja com a mão esquerda aquillo que por politicas razões se fingiu dar-lhe com a direita.

Para tornar mais grave o estado das coisas, em não poucas dioceses da Italia se quiz recentemente pôr em campo os direitos do padroado real, com pretensões tão exaggeradas e com tão odiosas medidas, que ao Nosso Veneravel Irmão, Arcebispo de Chieti, com intimação judicial não sómente se nega a jurisdicção, mas além d'isso se declara irrita a sua nomeação e se desconhece o seu proprio character episcopal.

Não é Nossa intenção determo-Nos a mostrar a insubsistencia de taes direitos, que é reconhecida por muitos tambem da parte contraria. Resta-Nos sómente recordar, que a Séde Apostolica, á qual é reservado o prover os Episcopados, não tem por costume conceder o direito de padroado, senão áquelles Principes que muito benemeritos se tenham tornado da Igreja, sustentando os seus direitos, favorecendo a sua amplificação, augmentando o seu patrimonio; e que aquelles que a combatem, impugnando os seus direitos, appropriando-se dos seus bens, se tornam por isso só, conforme os canones, incapazes de exercital-o.

Os factos que temos até agora tocado, evidentemente indicam o proposito de continuar-se na Italia o systema da sempre crescente hostilidade contra a Igreja, e mostram bem claramente qual especie de liberdade lhe esteja reservada, e de que respeito se queira cercar o Chefe da Religião Catholica.

N'este tão deploravel estado de coisas, não ignoramos, Senhor Cardeal, os sagrados deveres que Nos impõe o Ministerio Apostolico; e com os olhos fixos no céo, com o animo confortado pela certa esperan-

ça do divino auxilio, Nós procuraremos não faltar-lhes jamais. Vós pois que pela Nossa confiança fostes chamado a tomar parte em Nossos altissimos cuidados, como o vosso Illustré Antecessor, dae ao cumprimento dos Nossos designios o concurso da vossa firme e intelligente actividade, certo de que não vos faltará nunca a nossa assistencia.

No entanto, como penhor do Nosso particular affecto, recebei a Bênção Apostolica, que do intimo do coração Vos concedemos.

Vaticano 27 d'Agosto de 1878.

LEÃO PP. XIII.

---

## PARTE OFFICIAL

---

### Ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça

#### DIRECÇÃO GERAL DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS

#### 1.<sup>a</sup> Repartição

*Presbyteros apresentados pelo decreto de 11 de Outubro.*

O presbytero João Ribeiro de Moraes, parochi collado na igreja de Santa Cruz de Aldeia Nova do Cabo, bispado da Guarda, foi apresentado na igreja parochial de S. Martinho do Fundão, da mesma diocese.

---

### Consultas e decisões das sagradas congregações de Roma extrahidas do «Analecta Juris Pontificii», (fasciculos de Maio e Junho do corrente anno).

*[Continuação]*

Quæ sollicitudo benignæ matris Ecclesiæ erga moribundos maxime clarescit ex dispositionibus, quæ in Ritualibus particularium diœcesium continentur, quæque omnes sacerdotibus adsistere moribundis usque dum exspiraverint, præscribunt. Martène, in lib. 3, *De antiquis Ecclesiæ ritibus*. Quibus una voce concinunt synodi tam provinciales quam diœcesanæ. Bened. XIV in sua constit. *Firmandis*, n. 10. Passerinus in tract. *De officio curati*, c. XIII, n. 13: Dionys. Carthus. in tract. *De quatuor noviss. De judicio anim.* art. 37. Barbosa, *De officio parochi*, p. I., c. VII, n. 26. Audiatur sane Fransinetti in suo opere *Manuale pratico del parroco novello*, ibi: «Amministrati i sacramenti il parroco deve assistere l'infermo fino all'estremo passaggio; ed é grandemente da disapprovare la consuetudine, o meglio abuso, vigente in alcuni luoghi, dove il parochi costumano dare i sacramenti agli infermi e quindi non si accostano piú alle loro case. Cio si potrebbe tollerare appena per tempo d'inverno in certe localita ove deve farsi disastrosissimo cammino tra nevi, ghiacci e bufere pericolose alla scessa vita. Appena in queste localitá

il parroco, dati i sacramenti e l'indulgenza, potrebbe raccomandare l'infermo alla carità di qualche pia persona perché lo assistesse e lo confortasse: ordinando però che sopravvenendo all'infermo qualche singolare bisogno, come sarebbe se si trovasse con la coscienza inquieta, lo chiamassero subito».

Omnibus igitur his ponderatis ac perpensis nullum dubium esse potest, parochum aliumque animarum curam gerentem teneri moribundis assistere.

(Continua).

---

### Carta do snr. bispo de Angers ao snr. Leão Gambetta, deputado.

Algers, 20 de Setembro de 1878.

*Snr. deputado :*

Acabaes de pronunciar em Romans um discurso, no qual atacaes o clero com uma violencia que excede todo o limite. Não levareis a mal que se vos responda immediatamente, ainda que não seja senão para mostrar áquelles que tenham conservado alguma illusão sobre vossos verdadeiros sentimentos, a que extremidades pretendeis conduzir os negocios religiosos da França.

Parece que é nas vossas palavras, que se deve procurar o programma do futuro. Por mais humilhante que possa ser um tal pensamento para todo o francez que preza a honra de seu paiz, é necessario o resignar-se a ler-vos, para se preparar a combater-vos. Ora, o que vós nos annunciaes para um proximo futuro como o resumo de vossos projectos, é a perseguição.

E que momento escolheis vós para nos declarar a guerra?

O momento em que as esperanças de paz apparecem por toda a parte; em que os governos, instruidos pela experiencia, principiam a comprehender que não é muito o reunir todas as forças moraes para preservar a sociedade moderna das ultimas catastrophes. E' n'este momento que procuraes reunir uma campanha que não tem sido feliz em parte nenhuma, e de escolher a França catholica para theatro d'uma lucta que os proprios Estados protestantes procuram evitar. Se tivessesis verdadeiramente o bom senso politico, comprehenderieis a que ponto uma tal linguagem é contraria ás idéas e disposições da hora presente.

E' de vós que sabemos que existe «uma questão clerical, isto é a questão das relações da Igreja e do Estado». Não vos magoeis, snr. deputado, esta questão não existe; ella foi soberanamente cortada, no principio d'este seculo, por uma concordata que todos os governos teem respeitado, e que é entre nós a base da paz publica. Hoje rompereis este pacto fundamental, poreis todas as cousas em questão, e desencadeareis sobre o vosso paiz desgraças, das quaes talvez nem vós nem eu veremos o fim.

Querieis fazer acreditar a vossos complacentes ouvintes que existe



«uma questão clerical», no dia seguinte ao em que o *Jornal official* asseverava que temos enchido a França de focos de instrucção, que o ensino secundario conta mais discipulos nos nossos collegios do que nos do Estado (1). Por mais numerosas que sejam as vossas occupações, deveis ter tido bastante tempo para saber o que todo o mundo sabe, que, desde as escolas dos irmãos até ás grandes escolas do governo, os discipulos formados pelos cuidados do clero e das ordens religiosas, não occupam uma ordem inferior nos exames publicos.

Qual é pois esse auditorio de Romans onde assim fallastes, sem que n'elle apparecesse um homem bastante instruido d'estas cousas de seu tempo, para dar a taes assersões o acolhimento que ellas mereciam? Mas vós mesmo, snr. deputado, não fostes discipulo d'um pequeno seminario? Não vistes vós nunca que se tivesse tentado sobre a vossa pessoa o que chamaes «a exploração da ignorancia»?

E mui proprio de vós fallar «de escravidão geral», de vós que, no vosso discurso, annunciaes a intenção formal de separar, das funcções da magistratura, da administração e do exercito, todo aquelle que não pensar como vós! Eis ahi o despotismo que vos propondes inaugurar em França. E ousaes pronunciar a palavra liberdade! Esta palavra não tem nenhum sentido na vossa bocca. Quanto ao clero, onde vedes vós a menor tendencia para escravisar o quer que seja? Não sois vós livre, vós e aquelles que vos seguem, de ir á missa ou de não ir, de cumprir com o preceito paschoal ou não, de frequentar os sacramentos ou de vos absterdes? Vós por isso respondereis perante Deus: eis ahi tudo. Mas da parte dos homens, onde descobris a menor velleidade de vos constringer a uma pratica religiosa? E não é zombar da credulidade publica, o fingirdes uma oppressão qualquer, onde ninguem pensa em vos disputar a menor parcella de liberdade?

E' me impossivel, eu o confesso, imaginar que querieis fallar seriamente, assignalando «as usurpações incessantes a que se entrega o ultramontanismo e a invasão que elle faz todos os dias no deminio do Estado». Ao ouvir-vos, dir-se-ia na verdade que os membros do clero enchem os conselhos municipaes, os conselhos geraes, o Senado e a camara dos deputados. E a verdade é, que o elemento ecclesiastico não está representado em nenhuma parte.

Ha trinta padres no parlamento allemão; um só bispo se senta no Senado francez, para defender os interesses religiosos. Nunca, em nenhuma epoca, o clero se occupou menos com os negocios do Estado; em nenhuma parte, em nenhuma nação, se tem conservado mais separado dos negocios publicos. E vós vindes, diante d'um auditorio prevenido ou distrahido, representar o clero de França como prompto a invadir todo o dominio do Estado! Com que palavras quereis que se qualifique taes excessos de linguagem?

«E' sempre, dizeis vós, quando a fortuna da patria baixa que o jesuitismo sobe». Palavra imprudente, snr. deputado, e que ninguem tem menos que vós o direito de pronunciar. Porque, ninguem o esquece,

---

(1) «Journal official» de 15 de Setembro de 1878:—76,816 discipulos frequentam os collegios ecclesiasticos; 75,200 os collegios do Estado.

foi quando a fortuna da França baixou, que vós subistes, foi quando a França estava por terra, que vós fizestes de suas roinas um pedestal para vos elevardes ao poder. Alsaciano, eu teria o direito de vos pedir conta, em nome do meu paiz natal, d'essas sanguinolentas loucuras que cavaram noŝsas desgraças e mudaram uma derrota em catastrophe irremediavel.

Mas deixemos estas tristes lembranças, ás quaes associastes o vosso nome, para encorar o futuro que tentaes preparar-nos. E' bastante a perseguição que nos prometteis dentro de pouco tempo. Porque com qual outro nome se deve chamar a suppressão das ordens religiosas, a suppressão da liberdade d'ensino, a suppressão da vocação ecclesiastica? E' a perseguição aberta, violenta, com qualquer apparencia de legalidade com que a queiram cobrir. Por uma linguagem que quereis tornar espirital, e que só é inconveniente, fallaes de «estes milhares de padres multicolores que não teem patria». Estes padres, snr. deputado, estão ao serviço de vossos concidadãos; desde pela manhã até á noite, elles instruem os meninos, tratam dos doentes, consolam os pobres. Não tendes mais direito de vos occupar da côr de seu habito, do que elles não teem a intenção de examinar a do vosso. Elles são cidadãos com o mesmo titulo que vós; elles teem como vós e vossos amigos o direito de se reunir, de viver juntamente, de resar e trabalhar em commum. A sua patria é a França, e a sua nacionalidade é certa. Que quereis vós mais, com que direito mettereis vós a mão entre a sua consciencia e Deus?

Depois da liberdade d'associação religiosa, o despotismo do qual sois o porta-voz, se prepara para destruir uma outra liberdade não menos preciosa,—a do ensino. E isto, dizeis, sob o pretexto «que não devemos deixar, nas nossas escolas, blasphemar da nossa historia». Como?! Pois sois vós e o partido violento de que sois chefe, que vos constituis o guarda e o defensor de nossa historia nacional!! vós, que dataes esta historia de 89 ou de 93, e que não vedes além d'isto mais que uma serie de horrorres e de infamias! vós, que só vos occupaes em sepultar as nossas grandezas e glorias seculares, a insultar os nossos reis, em aviltar os nossos grandes homens, em denegrir as nossas instituições, e a fallar da antiga França, de seu clero, de sua nobreza, de sua condição politica e social, como se ella tivesse appresentado, durante quinze seculos, o espectaculo d'uma Mongolia ou d'uma Tartaria! E é sob um tal pretexto que o despotismo de que formulaes o programma se prepara para nos tirar a pouca liberdade que temos na lei! Porque é um minimum de liberdade, snr. deputado, esta participação tão subordinada, tão restringida, tão apertada, não na collação dos graus, como falsamente affirmaes, porque ella fica toda inteira nas mãos do Estado, mas na simples interrogação dos estudantes. Tambem quando vos agradar o pôr estas cousas em questão, nós revendicaremos, pela nossa vez, um direito que parece abandonado, e perguntaremos ao nosso paiz: se é justo, se é equitativo, se é util que 108,063 discipulos, pertencendo a familias francezas, sejam sujeitos a provas, do bacharelato das letras e do bacharelato das sciencias, sem que um só de seus professorés seja admit-

tido a sentar se no jury d'exame. Nós vos esperamos com confiança sobre este terreno, se alguma vez vos convier ahí nos chamar.

Mas onde o despotismo, cujas ameaças acabaes de fazer ouvir, apparece mais, é nas peias que preparaes no recrutamento do clero de França. Sujeitando os discipulos do santuario ao serviço militar, vós quereis, snr. deputado, fazer seccar a fonte do sacerdocio. Porque nos fallaes na obrigação de servir a patria? é uma palavra que lancaes á multidão para enganar os simplices. Ha muitos meios de servir a sua patria.

O instituidor, o professor, que se cançam em ensinar os seus discipulos; o padre, que se consome nos trabalhos de seu ministerio; servem o seu paiz tão utilmente como o soldado. São estes grandes serviços publicos, necessarios, indispensaveis e que valem muito bem, tanto em fadiga, como em resultados, o das armas.

O mais simples bom senso basta para comprehender, que as necessidades sociaes impõem e justificam taes equivalentes. Mas não, sob o pretexto de egualdade, vós quereis apontar ao coração da religião. Ainda que vossos gostos e vossos antecedentes não vos tenham permittido apreciar estas cousas, não estaes sem saber que o regimen do quartel não é uma preparação para o regimen do seminario, que a Igreja pede a seus futuros ministros uma reunião de qualidades que se não adquirem e desenvolvem senão no silencio da oração e do recolhimento, e que no dia em que taes exigencias se vierem juatar aos deveres e sacrificios da vida sacerdotal, acabarão entre nós as vocações ecclesiasticas.

Mas que vos importa? Não é este precisamente o resultado que quereis conseguir? Em todo o caso, estamos avisados; e desde este momento, vós nos auctorisaes a voltar-nos para os catholicos, e dizer-lhes: Vede o que vos espera; estes homens que fallam de clericalismo, de ultramontanismo, para mascarar seus designios, é a propria religião que elles querem destruir, tirando-lhe uma apoz outra todas as suas forças e todas as suas instituições. Vossas liberdades serão calcadas aos pés; vossos direitos, elles só aspiram a supprimit-os. Ordens religiosas, ensinantes ou hospitaleiras, escolas christãs de todos os graus,—nada escapará ás suas medidas de oppressão, desde o instante, desde logo que elles não encontrarem diante de si obstaculo legal. Finalmente, para acabar a obra de destruição, elles impedirão as vocações ecclesiasticas em seu fim pela obrigação do serviço militar, e, por falta de padres, o ministerio parochial se torna impossivel. E todas estas iniquidades, contam operal as até ao fim sob a capa da legalidade. Ah! Grande Deus! tem havido na historia, uma unica perseguição religiosa que sé não tenha adornado com este nome? A Convenção, tambem fallava da ordem legal; e as nossas praças publicas ainda ahí estão para recordar a todos como ella a applicava. Uma vez sobre a ladeira da violencia, e n'um paiz como o nosso, quem pode prever onde se parará? Que todos os catholicos queiram reflectir na situação que se lhes annuncia, e reflectam seriamente, e a tempo.

Talvez, snr. deputado, tenhaes contribuido, por vossas aggressões e vossas ameaças, para refazer a união tão desejavavel entre todos aquelles que olham a religião como a base da ordem social.

Escolhendo-a por objecto principal de vossos ataques, indicaes d'antemão o verdadeiro terreno sobre que todos os homens de boa fé e de boa vontade poderão e deverão encontrar-se e dar-se a mão, para trabalhar pela salvação de seu paiz. E' pelo menos um serviço que nos tereis feito por vosso discurso, e pelo qual estou quasi tentado a vos agradecer.

Tenho a honra de ser, snr. deputado, vosso muito humilde servo.

✠ Carlos Emilio,

*Bisgo de Angers.*

### A ignorancia religiosa.

E' este o mal que principalmente affecta a sociedade, e que urge remediar, se devéras desejamos não ser todos victimas de seus desastrosos effeitos.

Póde afirmar-se afoitamente, que toda esta grande agitação, tão característica da grave enfermidade que lavra em todas as camadas sociais, procede exclusivamente d'ahi, como de sua principal causa:

De feito, nunca, nos seculos passados, foi tão crassa a ignorancia da religião entre os povos!

Se pelo que observamos em o nosso paiz, nos é licito concluir para o que se passa em paizes estranhos, como que se nos assombra o espirito, ao calcular o embrutecimento a que chegou a sociedade n'um seculo que se appellida—*o das luzes*.

E não se attribua a outra causa, este decaimento moral que traz as nações envoltas n'um pelago de crimes horrorosos.

A Religião é a grande lei do espirito.

Não é licito ignoral-a, sem que surja a desordem no grande mundo que ella é destinada a governar.

E actualmente tudo se procura saber e estudar, tudo se deseja conhecer, menos o que ha de mais importante para a vida humana, isto é, as verdades da ordem sobre-natural e divina, sem o conhecimento das quaes o homem é um mysterio incomprehensivel aos seus proprios olhos.

Parece, que a sociedade se esqueceu do que deve a Deus, para tão sómente se occupar dos mesquinhos interesses que as ruins paixões lhe suggerem.

E d'este esquecimento systematico, que existe realmente, nasce toda essa profunda ignorancia religiosa, que predispõe os individuos, como as classes, para os enormes attentados, que diariamente re reproduzem.

Nem para estranhar é, que assim aconteça.

O homem que ignora o seu principio e fim, é como o irracional, que, d'olhos fitos na terra, apenas se importa com satisfazer seus appetites.

Rodeiem-n'o embora de bayonetas, multipliquem-lhe os tribunaes,

aggravem-lhe as penas, nada conseguirá dominar-lhe os instinctos ferozes que de continuo o aguilhoam.

E' o que estamos presenceando.

Ao passo que os exercitos crescem em numero e as nações se armam, a febre revolucionaria lavra, e a falta de segurança publica augmenta.

Falla-se muito da attitude hostile que vão apresentando as classes baixas da sociedade.

Suscitam-se mil alvitres, quer para contel-as na explosão de seus odios, quer para dissuadil-as de seus propositos ameaçadores.

Não se lembram, porem, que o mal tem outra causa mais grave, contra a qual serão inefficazes os fracos remedios que tentam applicar-lhe.

Foi desde que, á falta de instrucção religiosa, começaram a apagar-se os verdadeiros sentimentos de moral e virtude, que o vicio e o crime principiaram a desenvolver-se no coração dos povos.

Tal é a causa.

E como ella vae augmentando sempre de intensidade, não admira que os seus effeitos sejam de cada vez mais extensivos.

Mais que littérato, o povo necessita de ser religioso.

A expeciencia todos os dias nos está mostrando, que pouco ou nada vale a preconizada illustração, quando não é precedida, ou ao menos acompanhada por uma solida instrucção religiosa.

Se o espirito não for bem robustecido pelas verdades religiosas, para que possa resistir com vantagem á força attractiva do vicio, quem ousará garantir no homem a fiel observancia das virtudes sociaes?

Que outro sentimento poderá contel-o na ladeira do desregramento moral, para onde de continuo o impellem as suas paixões?

Convem não nos illudirmos com vãs utopias.

Ha só um meio de regenerar a sociedade, melhorando-a em seus elementos constitutivos. Esse meio é a religião.

Não ha, nem póde inventar-se outro, que o substitua.

Pretende-se, que o povo se mostre obediente ás leis e submisso á auctoridade?

Requer-se, que elle melhore os seus costumes, que seja pacifico, sobrio, dedicado ao trabalho e respeitador de direitos estranhos?

Aproximae-a da Igreja. Encurtae-lhe as distancias que o separam dos ministros do Evangelho, para que a palavra divina possa espargir-lhe no coração a fecundante semente d'onde germinará o amor ao lar, á familia, o respeito aos poderes publicos, todas as virtudes enfim, que fazem a ordem e a harmonia social.

E' pela cathechese, pela demonstração doutrinal, pelo Evangelho n'uma palavra, que o povo ha-de civilisar-se, cultivando e aperfeicando em seu coração os sentimentos do justo, do honesto, e habituando sua alma ao amor do bem e da virtude.

De outra fórmula todos os esforços serão perdidos.

E quando se julgar ter dado um passo a mais no caminho da civilisação, só teremos adiantado no caminho que leva ao abysmo.

Tal ha sido sempre a sorte dos povos em quem o sentimento religioso se apaga.

*M. Marinho.*

## NOTICIAS E FACTOS DIVERSOS

A Sé Apostolica acha-se cada vez em maior apuro de meios para satisfazer ás necessidades religiosas do Orbe Catholico, e para prover ao decoro do Supremo Jerarcha da Egreja o SS. Padre Leão XIII.

A bem conhecida piedade dos fieis d'esta grande Archidiocese de Braga não consentirá certamente que se agrave esta falta de meios tão sensivel e lastimosa, e para este fim se acha constituida uma commissão n'esta cidade, composta dos reverendos padres João Rebello Cardoso de Menezes, João Pedro Ferreira Airoza, e Manoel Martins d'Aguiar, e encarregada de receber quaesquer esmolos, por diminutas que sejam, que os fieis directamente por si mesmos, ou indirectamente pelos reverendos parochos lhes entreguem ou enviem para serem offerecidas ao Soberano Pontifice.

Na «Semana Religiosa Bracarense» será aberta uma secção para serem publicadas as quantias recebidas, publicando-se os nomes dos offerentes, que assim expressamente o desejarem.

—\*—

No domingo passado, na egreja do Collegio, teve lugar a primeira missa cantada e *Tercia*, a que, segundo a portaria do Exm.<sup>o</sup> e Revd.<sup>o</sup> Snr. Arcebispo Primaz, de 2 d'outubro de 1877, são obrigados a assistir todos os estudantes do curso superior em todos os domingos e dias santos.

Foi, na realidade, uma festa imponente e magestosa, e que dá honra ao Prelado que tomou taes medidas, afim de que o seu clero se instruisse nas sagradas ceremonias. E' muito edificante o vêr como os estudantes executam estes actos religiosos.

A *Tercia* foi cantada a dous coros, um dos collegiaes, que estavam no côro superior, e outro dos externos, que estavam em baixo; e que ao todo passavam de duzentos.

A missa foi a canto-chão figurado, e no fim cantou-se um solemne *Te-Deum* a coros de musica e canto-chão. Terminou esta solemniissima festa com a Benção do SS. Sacramento.

O Snr. Arcebispo assistiu da sua tribuna.

E' assim que o novo clero, em quem a Santa Egreja e a sociedade tem fixas suas vistas, se vae educando.

Vimos a mais que uma pessoa correr as lagrimas de contentamento por vêr como vae educado o novo clero; e que aquelle magestoso templo, que ia prestes a fechar-se ao culto catholico, era conservado, e n'elle se celebrariam os sagrados mysterios com mais pompa e esplendor d'aqui por diante.

Houve uma coincidencia notavel. Segundo o rito Bracarense, celebrava-se n'esse dia a festa do Beato Ignacio d'Azevedo, que foi um dos primeiros Reitores d'aquella casa e Collegio de S. Paulo, e que mor-

reu martyr com trianta e nove companheiros, todos portuguezes; e era n'este mesmo templo, onde este glorioso Martyr tantas vezes celebrára os augustos mysterios da nossa religião, que, passados trezentos annos, o Seminario, fundado pelo mesmo que tambem levantára aquella casa, ia celebrar n'este dia os mesmos mysterios que elle alli celebrára.

—\*—

### Missas na Igreja do Collegio.

No domingo, dia 27, quinta dominga d'Outubro, e vigesima depois do Pentecostes, resamos de S. Vicente, Sabina, e Christéta, Irmãos martyres, Portuguezes e naturaes d'Evora, que por ordem de Daciano foram prezos e postos no equileo até lhes desconjuntarem os membros, e depois postas as cabeças sobre pedras lhes foram esmagadas com barras de ferro, e assim consummaram o seu glorioso martyrio por Christo.

O rito é *duplex*, e a côr dos paramentos vermelha, por isso que são martyres.

A missa é do commum dos martyres *Salus* com comemoração da dominga vigesima depois do Pentecostes.

A Epistola é de S. Paulo aos Hebreus no capitulo 10 em que elle exhorta os Hebreus convertidos á fé, á paciencia e á perseverança nas virtudes.

O Evangelho é de S. Matheus cap. 5, em que se refere o sermão do monte, ou as bemaventuranças. Tem credo e o prefacio da Trindade e no fim o Evangelho da dominga, que é tirado do cap. 4 de S. João, em que se refere a cura miraculosa do filho do Regulo operada por Jesus Christo.

Acolytharão :

De diacono—João Baptista Ramalho.

De subdiacono—Alfredo José Ferreira.

A ceremonias—Antonio Martins Ledo.

A credenciario—Francisco Antonio Domingues.

Thuriferario—Antonio Avelino Douteiro.

—\*—

No dia 1.º de Novembro, sexta feira, é a festa de Todos os Santos, mandada primêiramente celebrar em Roma pelo Papa Bonifacio IV em 607, mandando purificar e consagrar o celebre templo pagão, que Marco Agripa edificára em honra de Jupiter Vingador, e onde se adoravam todos os falsos deuses, e por isso chamado *Pantheon*; e foi dedicado sob a invocação da SS. Virgem e de todos os martyres fazendo transportar para alli 28 carros d'ossos e reliquias de martyres das catacumbas.

No anno de 836 o Papa Gregorio IV estendeu esta festa e toda a Igreja, e Xisto IV lhe deu uma oitava.

O rito é *duplex* de 1.ª classe, e a côr dos paramentos branca. A missa tem *gloria* e *credo*, e prefacio commum.

A epistola é do livro 7.º do Apocalypse de S. João, em que narra a visão que tivera da multidão e gloria dos santos, e que escreveu quando desterrado na Ilha de Patmos.

O Evangelho é de S. Matheus cap. 5.<sup>o</sup>, o das Bemaventuranças.

Acolytharão :

De diacono—Antonio Martins Ledo.

De sub-diacono—Antonio José Gomes Cardoso.

Mestre de ceremonias—João Baptista Rodrigues.

Credenciario—Francisco Antonio Domingues.

Thuriferario—Duarte Guilherme da Cunha Vasconcellos.

—\*—

Sabbado, dia 2, de Novembro é a commemoração de todos os fieis defuntos.

Sendo o costume d'orar pelos mortos uma praxe da Igreja desde a sua primitiva, como se prova pela tradicção, e já herdada da lei mosaica como se vê no livro dos machabeus 2.<sup>o</sup> cap. 12, no entanto esta especial commemoração começou pelos annos de 998 no mosteiro de Cluni. d'onde passou a toda a Igreja.

O rito é duplex, e a côr dos paramentos para as missas de defuntos é negra.

Não se pode celebrar missa n'este dia senão de *requiem*, excepto a missa do côro depois de terciã, e a missa *pro sponso et sponsa*.

N'este dia, por concessão do SS. Padre Bento XIV, e a instancias do Snr. D. João V, todo o sacerdote n'este Reino pode celebrar tres missas, podendo applicar a 1.<sup>a</sup> missa por alguma alma em particular, e as outras duas deve applical-as pelas almas do purgatorio, sem aceitar por ellas esmola alguma debaixo de qualquer pretexto, assim como não devendo receber maior esmola pela primeira, do que a do costume, e isto debaixo de pena de suspensão=*ipso facto incurrenda*=.

Na missa todo o côro estará de joelhos á oração e *post-communio*, e desde *sanctus* até á communhão do calix, e assim os ceroferarios com as tochas.

O altar não poderá ter flôres, as velas dos castiçaes serão amarelas, o pavilhão do sacrario será roxo, e não haverá tapetes no pavimento, o que tudo é expresso no ceremonial dos Bispos e em todos os cerimoniaes.

Acolytharão :

De diacono—João Baptista Rodrigues.

De sub-diacono—Fortuoso Fortunato Jacintho Leal.

A ceremonias—Antonio Martins Ledo.

Credenciario—Francisco Antonio Domingues.

Thuriferario—José Candido da Costa.

Braga, Seminario conciliar de S. Pedro, 22 de Outubro de 1878.

O Vice-Reitor do Seminario,

*Padre João Rebello Cardoso de Menezes.*